

GÊNERO E DISCURSOS DE ÓDIO NOS MUROS PELOTENSES: ANÁLISE DE PICHACOES REGISTRADAS NA ÁREA CENTRAL DE PELOTAS/RS

JÉSSICA DE OLIVEIRA PEDRA¹; CRISTINA PARADA MEDINA²; DANIELE FURTADO DUARTE³; GISELE SAMPAIO CALEARO⁴; VICTÓRIA SABBADO MENEZES⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – jessicadeoliveirapedra@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cristinamedinaa27@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – danielefurtado1985@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – giselecalearo@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – victoriasabbado@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar e problematizar pichações relativas à gênero, registradas por fotografia na área central da cidade de Pelotas. Tem como ponto de partida a relação da pichação com o conceito geográfico de paisagem, fundamentando-se em BERTRAND (2004) e TROLL (1950) e, a partir disso, busca diferenciar a pichação do grafite (MONDARDO & GOETTERT, 2008), para chegar efetivamente à análise e problematização das pichações registradas. O desejo de investigar o tema surge a partir do entendimento da presença dessas mensagens no cotidiano e o fato de que, para muitos, ela acabam passando despercebidas pois, muitas vezes, essas mensagens não são lidas ou, se lidas, não são problematizadas. Contudo, as pichações em questão carregam discursos preocupantes e que merecem reflexão mais aprofundada.

2. METODOLOGIA

A metodologia se embasa em uma revisão bibliográfica sobre o conceito geográfico de paisagem, além de se alicerçar em materiais sobre pichação e gênero. Também são utilizados registros fotográficos de pichações localizadas na área central de Pelotas, realizados no mês de junho do ano de 2018, principalmente nos arredores do Instituto Federal Sul Rio Grandense (IFSul), especialmente na rua Baltazar Brum, e nos arredores do calçadão da cidade, situado na Rua Andrade Neves, abrangendo também as quadras que ligam esta rua com a Praça Coronel Pedro Osório.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ciência geográfica tem como objeto de estudo o espaço geográfico, em toda a sua complexidade. Portanto, para uma melhor compreensão do mesmo, são utilizadas diferentes categorias de análise, como paisagem, território, lugar e ambiente e que podem ser entendidas como conceitos operacionais (SUERTEGARAY, 2001) e/ou categorias analíticas (SANTOS, 1980; 1997), por exemplo. No artigo em questão, nos debruçaremos no conceito de paisagem que, por sua vez, também é compreendido de diferentes maneiras para diferentes autores.

Segundo Bertrand (1971):

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos

e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 1971, p. 88)

Troll (1982), ao conceituar paisagem, também salienta a essencial relação homem-meio que a define. E é a partir desse viés de intervenção antrópica, que localizamos o grafite e a pichação.

Os muros e prédios das cidades carregam expressões urbanas, como desenhos, mensagens, assinaturas, frases, etc. Mondardo & Goetttert (2008, p. 298), compreendem o grafite e a pichação como “manifestação (expressão) cultural e espacial com marcas de visibilidade, marcação, resistência (porque mostra que existe) e de contra-poder”. É importante salientar que, inicialmente, pela Lei nº 9.605, ambos se enquadravam como crime, com pena de três meses a um ano, podendo aumentar para seis meses a um ano se o ato fosse praticado contra monumento ou outro tombado por valor artístico histórico ou arqueológico. Contudo, com o decorrer do tempo, elas se diferenciam, com a pichação continuando sendo entendida como crime, enquanto o grafite se torna arte. Ainda para Mondardo & Goetttert (apud ANDREOLI; YABUSCHITA, 2008, p. 298), essa diferenciação é carregada de critérios de valor.

É interessante compreender que, por muito tempo, boa parte das pichações se resumiam a nomes e *tags* (marcas que caracterizam pichador ou grupo de pichadores). Contudo, se observarmos atualmente, podemos perceber que elas deram espaço a debates maiores, uma vez que encontramos com bastante facilidade frases que incitam a reflexão, pois trazem desabafos e expressões de minorias, refletindo invisibilidades cotidianas (HISSA, 2008).

A discussão sobre gênero, nos últimos tempos, tem ganhado espaço, embora ainda de maneira muito tímida, principalmente por enfrentar tentativas de silenciamento e desvalorização. Autoras como Silva (2009), abordam com bastante conhecimento e sabedoria a questão das tentativas de deslegitimar o discurso, principalmente no âmbito científico. Infelizmente, nas pichações, pelo que pudemos registrar, este cerceamento à liberdade de expressão não é diferente.

Durante o final de junho do presente ano, realizamos registros fotográficos de pichações localizadas no centro de Pelotas, as quais trazem mensagens com discursos bastante preocupantes, isto porque os escritos que não trazem colocações que podemos compreender como discurso de ódio foram, em sua maioria, revidados por outro(s) grupo(s).

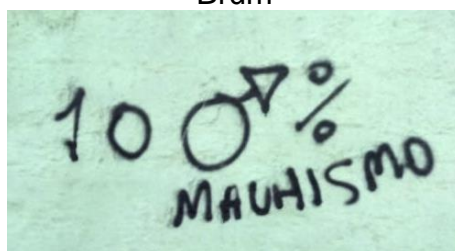
A figura 1 foi registrada no muro do Instituto Federal Sul Rio-Grandense, na rua Baltazar Brum, especificamente na parada de ônibus para Rio Grande, e nos choca por seu teor. Inicialmente, fora escrito “mulher tem que apanhar”. Outro grupo riscou o “mulher”, escrevendo “agressor”. O primeiro grupo, acredita-se, retornou e pichou, dessa vez, duas vezes a palavra “mulher”, acrescentando, ainda, um “sim” no final da frase, na tentativa de ratificar a ideia inicial. A figura 2 foi registrada no mesmo muro do IFSul, apenas alguns metros de distância da figura 1.

Figura 1. Registro fotográfico feito pelo grupo na parada de ônibus para Rio Grande, na rua Baltazar Brum



Fonte: As autoras (2018).

Figura 2. Registro fotográfico feito pelo grupo no muro do IFSul, na rua Baltazar Brum



Fonte: As autoras (2018)

A figura 3, foi registrada nos arredores do calçadão da rua Andrade Neves, na parede de um prédio comercial. Trata-se do símbolo do feminino, que é amplamente associado ao movimento feminista, que fora rabiscado com um “x”, na tentativa de silenciar as já poucas pichações encontradas com essa ideia.

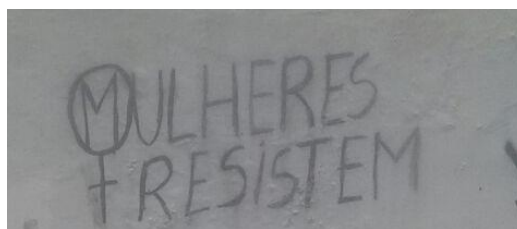
Figura 3. Registro feito pelo grupo nos arredores do calçadão da rua Andrade Neves



Fonte: As autoras (2018)

A figura 4, registrada na rua ao lado da Bibliotheca Pública Pelotense, conhecida como “beco da biblioteca” (e que liga a rua Andrade Neves com a praça Coronel Pedro Osório), onde acontecem diversas manifestações culturais do movimento negro da cidade, foi a única que se manteve intacta de “respostas”. Além disso, é a que mais nos sensibiliza, pois representa a realidade da mulher que, mesmo frente a todas as barreiras e preconceitos históricos e diários, resiste.

Figura 4. Registro fotográfico pelo grupo na rua que liga o calçadão com a Praça Coronel Pedro Osório



Fonte: As autoras (2018)

4. CONCLUSÕES

Ao final desse trabalho, percebemos que ele nos promoveu uma enorme reflexão nos sensibilizou e nos instigou a debater e aprofundar mais no assunto. As ideologias, ideais e invisibilidades (HISSA, 2008) estão presentes nos muros em busca de voz e não mais silenciamento. Os discursos de ódio nos preocupam e nos motivam a discutir essas questões. “A todas as garotas que enfrentaram a injustiça e foram silenciadas. Juntas seremos ouvidas.” (YOUSAFZAI, 2013, p. 5)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Caderno de Ciências da Terra**. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, nº 13, 2004.

BRASIL, Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Lei de Crimes Ambientais. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 12 fev 1998.

GOETTERT, J. N.; MONDARDO, M. L. Territórios simbólicos e de resistência na cidade: grafias da pichação e do grafite. **Revista Terr@ Plural**, Ponta Grossa, p. 293-308, jul/dez 2008.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Cidade e ambiente: dicotomias e transversalidades. In: HISSA, C. E. V. (Org.) **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1980.

SILVA, J. M. (Org.) **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Paraná: Editora Toda Palavra, 2009.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona. Nº 93, 15 de julio de 2001.

TROLL, C. El paisaje geográfico y su investigación. In: MENDONZA, J. M y CONTERO, N. (Org.) *El pensamiento geográfico. Estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias actuales)*. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

YOUSAFZAI, M. **Eu sou Malala**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2013. (Tradução)